

ARTE URBANA

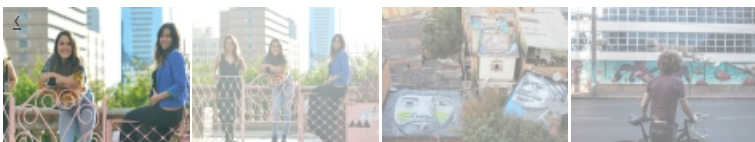
Cidade linda

Na contramão de São Paulo, projetos fortalecem o grafite em BH, que ganha, a partir desta semana, quatro grandiosos painéis

✉ 📄 A A [Salvar no Facebook](#) [G+](#)
Curtir 81 Compartilhar



Priscila, Janaína e Juliana, idealizadoras do Cura – Circuito Urbano de Arte, que fará intervenções na cidade a partir desta semana



PUBLICADO EM 22/07/17 - 03h00

ALEX BESSAS

No meio urbano, um belo horizonte se faz de esforços coletivos capazes de substituir o cinza concreto por todo sortimento de cores e de formas. Bem, é nisso que acredita um contingente inquieto de artistas, produtores que vê nas artes uma forma de ser na e da cidade. A capital mineira, é verdade, por muito

tempo desenvolveu com timidez sua vocação para as artes urbanas. Aliás, é seguro afirmar, essa produção por muito tempo foi inibida e até criminalizada, como indica a professora de Design da Escola de Arquitetura da UFMG, Maria Luiza Viana, 52. Mas agora, o poder público dá sinais de querer se juntar a esses artistas e produtores para fazer que a street art se estabeleça na cidade.

Na contramão de São Paulo – onde murais da cidade, considerada a capital mundial dos grafites, vêm sendo cobertos pelo programa “Cidade Linda”, da administração João Doria –, BH se abre para as artes urbanas impulsionada por uma série de iniciativas descentralizadas que vêm sendo realizadas em toda a cidade, do hipercentro às regiões periféricas.

Sinal dessa nova realidade é a realização do Cura – Circuito Urbano de Artes, que acontece na cidade a partir da próxima quarta-feira (26). Pretensioso (no bom sentido), o projeto vai fazer, das fachadas cegas de prédios históricos do centro, grandiosos murais de arte. Detalhe: o projeto, que se pretende anual, tem recorte geográfico no sentido de criar o primeiro mirante de arte urbana do mundo – a rua Sapucaí, na Floresta.

“Nosso recorte sempre foi muito claro: pinturas gigantes feitas não em muros ou viadutos, mas em prédios, no centro de BH”, explica Juliana Flores acerca do Cura, considerado por ela “um sonho”, e que divide e realiza com as amigas Janaína Macruz e Priscila Amoni.

Para encontrar qualquer iniciativa parecida, é preciso voltar no tempo. A única vez que Belo Horizonte viu algo do tipo foi na década de 1990. É dessa época a histórica pintura da figura de Tiradentes, gravada pelo francês Hughes Desmazières, que se via na empena do prédio da rua Rio de Janeiro, 39, apagado em dezembro de 2014. “Uma obra que faz parte da memória afetiva de todos belo-horizontinos”, salienta.

Bem, mas, na verdade, nem os painéis de então são um precedente para o projeto de agora. Sim, as produtoras sonharam realmente alto, com o já citado objetivo de fazer com que as quatro laterais pintadas possam ser vistas, juntas, de um mesmo ponto – na rua Sapucaí. Ou seja, além de mudar radicalmente a paisagem da cidade, o Cura cria um mirante de artes urbanas.

Local escolhido, a rua Sapucaí já é um “espaço efervescente, que recebe várias atividades culturais”. “Acredito que não havia lugar mais apropriado”, diz a produtora. Vários restaurantes também são chamarizes ali. O ineditismo da empreitada é destacado por Juliana. “Talvez o mais próximo do que pretendemos seja a High Line, em Nova York, ou o Minhocão, em São Paulo. Mas, neles, é preciso andar para ver as obras. Aqui todos painéis poderão ser vistos do mesmo ponto”.

Juliana lembra, ainda, que o evento será anual, mas não mudará de endereço até que o mirante ganhe vários novos murais que componham sua paisagem. Ela adianta que, “para 2018, mapeamos seis edifícios, sendo que dois deles já estão confirmados e integrarão o circuito no próximo ano”, comemora.

Dificuldades

Desde que começaram a elaborar o projeto, dois anos já se passaram. Pois muitos foram os empecilhos que precisaram ser superados.

Afinal, “o caminho mais natural era ter selecionado prédios de fácil acesso, fora das áreas tombadas da cidade”, explica Juliana, que, entre risadas, completa que o caminho percorrido foi exatamente o oposto.

“Pesou na escolha a ideia do mirante e também a emoção de pintar uma superfície gigante no centro de BH, onde milhões de pessoas vão ver as obras diariamente”, indica a produtora.

Entre o latente desejo de transformar o meio urbano e a realização do sonho, muita negociação aconteceu. “Gastamos um ano em reuniões com os condomínios dos prédios e mais um ano com o Conselho Deliberativo de Patrimônio Cultural de BH – que sempre foi muito receptivo à ideia”, lembra. Em paralelo, o grupo se organizava para angariar recursos entre leis de incentivo e patrocínios.

Mesmo com as autorizações dos condomínios em mãos, outras dificuldades se puseram. “Esses prédios são antigos, alguns sequer tinham as plantas! Então, precisamos contratar arquitetos para medir as empenas. Outros estavam com em péssimas condições e precisaram de reparos...”.

Programação diversa

Durante os 12 dias do festival serão realizadas diversas atividades na rua Sapucaí. Entre os parceiros do evento está a Benfeitoria, misto de bar e espaço multicultural. Estão programadas atrações como debates, apresentações de DJs e VJs e atividades com tatuadores. “No Cura, dos cinco artistas, três são mulheres. É uma exceção para esse tipo de evento. Então, a questão da mulher na arte urbana também vai estar muito presente”, sugere Jordana Menezes, sócia do Benfeitoria.

Ela propõe que esta seja uma oportunidade para qualificar o debate feito acerca da street art. Já Juliana destaca que muitas atividades serão feitas nas ruas e que, ao final, será realizada uma “bicicletada, para que todos possam ver as obras prontas de perto”. Para ela, este é um movimento no sentido de “levar as pessoas para as ruas”. “Estamos vivendo um projeto de reconciliação com o espaço urbano... Nas década de 1990 e 2000, vivíamos o retorno aos condomínios. Hoje, vivemos um movimento inverso!”, analisa, completando que, para ela, “quanto mais gente na rua, mais seguro e melhor para a comunidade. Queremos ser parte desse momento, é o que nos norteia”.

Telas de concreto - os edifícios que sofrerão intervenção artística

A belo-horizontina Priscila Amoni vai precisar superar o medo de altura: ficou a seu cargo pintar a fachada do Hotel Rio Jordão, que possui nada menos que 49 metros de altura. Detalhe: o painel é sete vezes o tamanho do seu maior mural. Esta também é a primeira vez que ela pinta em um balancinho. O desafio, ela brinca, é do tamanho da obra: “grandioso!”. A pintura, adianta, transita entre a ideia do feminino e da cura através das plantas.

Para Thiago Mazza, também de BH, o desafio é pintar a empena do Edifício Satélite com seus imponentes 40 por 10,5 metros. Mesmo já tendo circulado por festivais na Espanha, Inglaterra e Rússia, nada se compara às dimensões que agora terá pela frente. “Suspendi todos meus trabalhos e estou em casa há duas semanas, focado no desenho que farei”, comenta o muralista. “Na hora, não tem como ter uma noção do todo, é tudo na métrica!”.

Ao coletivo Acidum Project, de Fortaleza, se impõe o Edifício Tapajós. Tereza Cristina, que integra o grupo com Robezio Marqs, diz estar ansiosa para conhecer a capital mineira. “Nunca visitei a cidade, então, fico olhando fotos, mapas...”. Ao se dar conta de que as obras serão vistas de um mirante, surpreende-se. “Mesmo passando por grandes festivais, como em Oregon (EUA) e Montreal (Canadá), é algo que nunca vi”.

A muralista catalã Marina Capdevilla terá à sua frente o Edifício Trianon. “Quando pensamos nos artistas internacionais, decidimos convidar uma mulher, muito em contraposição aos festivais de arte de rua que conhecemos, que são dominados por homens”, pondera a produtora Juliana Flores. Claro, para além das questões de gênero, vale lembrar que Marina é uma muralista e ilustradora cujo trabalho é reconhecido em todo mundo.

Cura – Circuito Urbano de Arte

Rua Sapucaí. De 26/7 a 2/8. Programação completa em www.cura.art

Artistas lutam contra estigmas

A capital mineira ensaia passos no sentido de entrar para o roteiro mundial de cidades nas quais a arte urbana se tornou sinônimo de atração turística. Uma das organizadoras do iminente Festival Cura, a produtora Juliana Flores, 31, não esconde a ambição de ver a cidade figurar ao lado de lugares como Bristol (Inglaterra), Nova York (EUA), Melbourne (Austrália) e Valparaíso (Chile). Dessa maneira, BH integraria o guia de street art lançado neste ano pela Lonely Planet, maior editora especializada em guias de viagens. “Quem sabe a gente não esteja na próxima edição?”, sonha a moça.

Mais contido, mas com um sonho tão importante quanto, o muralista Thiago Mazza torce para que as iniciativas em prol das artes de rua ajudem a diluir o preconceito em relação ao estilo. “Se eu pintar um muro às 3h da madrugada com um pincel, ninguém questiona. Se estiver à tarde, no mesmo muro, com um spray, logo sou abordado”, comenta, criticando o estigma presente em um detalhe tão simples: a ferramenta.

E se o assunto é o turismo advindo dos interessados por arte urbana, vale dizer que já existem grupos que se especializam em explorar os grafites de BH.

É o caso do projeto “Pedalando pelos Muros”, realizado pelo ateliê “quartoamado”. Definido como um minicurso, o diretor da galeria, Raul Sampaio, 28, lembra que “esse braço educativo surgiu ano passado”. “Desde então, realizamos cinco edições”. A última, domingo passado.

Tudo acontece em um dia. “Nos encontramos para um piquenique na praça Floriano Peixoto. Às 10h, saímos, percorrendo a rua Niquelina, e a Savassi, Serra, Centro e Floresta, entre outros pontos”.

Com a prerrogativa de analisar a cena da arte urbana, o grupo pedala e visita os murais. “Passamos o dia falando sobre essa arte pública, como chamamos, sobre suas estéticas, suas histórias e a suas relações intrínsecas com a cidade”.

Interessada pelo tema, a gastrônoma e designer Gabriella Borja, 28, acompanhou o grupo durante os 14 km de percurso. Belo-horizontina, ela lembra que sempre que viaja, “seja para a Europa, seja para São Paulo”, procura visitar as artes urbanas locais e pesquisar um pouco mais sobre elas. Para a designer, sem dúvida, é a estética da modalidade artística o que mais desperta sua atenção. “Mas, em seguida, é a história que há por trás dessas obras que realmente me fascina!”, pontua.

Gabriella acredita que “a arte de rua tem tudo a ver com a identidade da cidade, pois fala de um momento, de um lugar específico... Então, os grafites também contam um pouco da nossa história”.

Conexão urbana

Muitos artistas, produtores e entusiastas da street art compartilham o fato de o despertar para o grafite ter sido um desdobramento de vivências com a cidade. “Na verdade, já desenhava, em papel. Mas quando comecei a andar de skate e, com isso, percorrer toda BH, descobri os grafites. E senti o desejo de levar os meus desenhos para os muros”, lembra Dágson Silva, para quem grafitar está umbilicalmente ligado à ideia de “usar e se apropriar da cidade”.

E foi da relação com o lugar de onde veio que, em 2016, Dágson concebeu sua obra mais imponente: a pintura de grandes painéis em lajes de casas do Morro das Pedras, onde mora. “Considero esse lugar como meu ateliê. As experimentações mais curiosas, faço aqui”.

Sua motivação vale nota. “Na época que tive a ideia, a região vivia muitos casos de violência e assim era representada pela mídia e vista pela polícia, que vinha até aqui em helicópteros... Por isso pinte as lajes, para dar outro ponto de vista. Mostrar que aqui tem mais histórias a se contar”.

As ponderações de Silva são coerentes com seu fazer artístico. “Comecei a conhecer a cidade de uma outra ótica, do ponto de vista de quem faz alguma coisa, de quem constrói e também dialoga com o meio”, analisa, lembrando abordar, em seus traços, temas sociais.

Detalhe: Dágson foi aprovado para estudar na Escola Superior de Arte e Design de Marseille, na Frala (uma campanha para ajudá-lo a custear os estudos está no ar no site de financiamento coletivo catarse). Tudo dando certo, em 2018, o artista também planeja um intercâmbio de grafites entre a periferia de BH e a de Paris.

Com todas essas iniciativas, ele reforça que o poder público precisa estar atento e interessado em desenvolver ações para além do centro. Afinal, “as artes urbanas partem das periferias para o centro”. Para ele, políticas públicas nesse sentido ainda são incipientes – embora reconheça que a cidade esteja, sim, mais aberta à arte de rua.

Imagens que vencem o cinza

“Não há como mensurar onde começa essa tradição de inscrições que deixam mensagens em muros”, avalia a professora de Design da Escola de Arquitetura da UFMG, Maria Luiza Viana, pesquisadora de arte urbana. Ela destaca que há pelo menos três marcos neste movimento. Nos anos 1990, mais ligado ao estêncil; em 1980, influenciado pelo hip hop americano, e nos anos 1970, em plena ditadura militar, quando “era vista como um ato político potente”. Maria Luiza lembra que o muralismo, nos moldes do que propõe o Cura, está mais ligado aos países latinos de língua hispânica, “algo que o Brasil absorveu pouco”.

Como é uma forma mais institucionalizada da arte de rua, que demanda autorizações, a modalidade colabora para quebrar tabus. “Essas ações fortalecem o debate com a cidade: afinal, na publicidade é comum ver painéis, então, por que para outras expressões há tanto estranhamento?”.

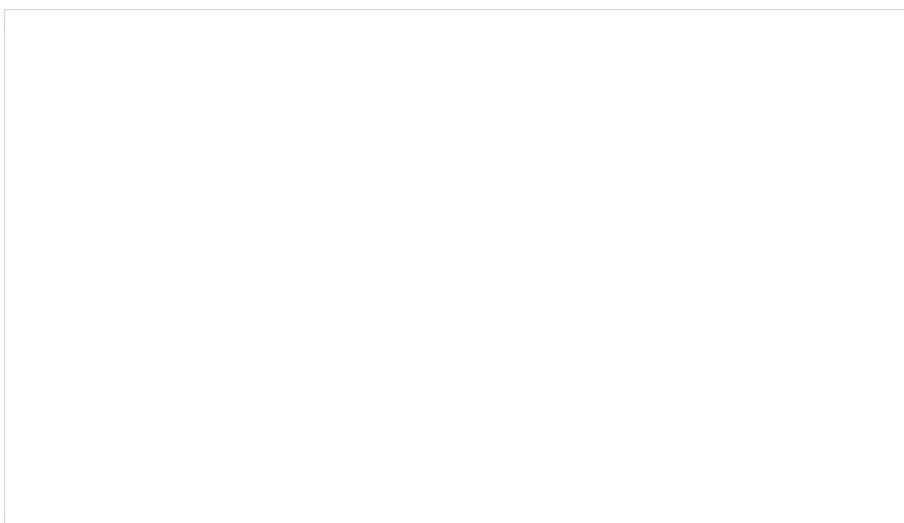
A explicação viria do próprio desenvolvimento da cidade, “que foi se configurando, expandindo e suprimindo a ação humana”. Por isso, o grafite em todas suas variações – dos murais à pichação –, causa estranhamento. “Rompe com a lógica funcional, abre espaço à poesia, à expressão humana”. Portanto, “há uma mudança na lógica de funcionamento da cidade e essas imagens que vencem o cinza despertam nossas sensibilidades”.

Iniciativas BH afora

Do que depender dos entusiastas do grafite, o horizonte de BH será colorido. Exemplos de iniciativas não faltam, como a ação da prefeitura e Associação Cultural dos Amigos do Museu de Arte da Pampulha, que, desde 2015 realizam o “Telas Urbanas”. Em duas edições, 83 grafiteiros foram contemplados, desenvolvendo grafites em muros das avenidas Pedro I e Antônio Carlos.

Em fevereiro deste ano, o prefeito Alexandre Kalil (PHS) anunciou o Projeto Profeta Gentileza, “de fomento e valorização das artes visuais”, conforme nota oficial. O objetivo é apoiar os artistas de rua, que poderão desenvolver seus trabalhos em espaços públicos e privados da cidade. O projeto prevê um concurso de grafite.

Além disso, em abril, 200 metros de um muro da faculdade Newton Paiva foram cobertos por grafites. No evento, que foi chamado de “1º Festival de Arte Urbana de BH”, 80 artistas deixaram seus registros.



O que achou deste artigo?

COMENTÁRIOS (1)



Pedro

Contramão de São Paulo?!?! Realmente a pessoa não conhece a cidade. Há uma diferença gritante entre os grafites que essa turma vai fazer e os grafites que apagaram em SP. Os de BH serão feitos em propriedade privada, de fato, o poder público nem tinha que se envolver nisso. Se os donos do prédio concordam, o que os atos da prefeitura tem a ver com isso?

[Responder](#) - 1 - [0](#) - [Denunciar](#) - 2 horas atrás

ENVIAR COMENTÁRIO

Usuário

Senha

Area for writing the comment text.

Li e aceito os **termos de utilização**

(<http://www.otempo.com.br/termos-de-utiliza%C3%A7%C3%A3o-1.649759>)

Compartilhar usando o Facebook

Logar

ou conecte-se com

ATENÇÃO

Cadastre-se para poder comentar

Cadastrar



Facebook



Twitter

Expediente (/expediente)

Quero anunciar

(<http://www.otempo.com.br/midia/14>)

Fale Conosco (/fale-conosco)

Trabalhe Conosco

(/trabalhe-conosco)

Clube do Assinante

(<http://www.clubeotempo.com.br>)

Política de Privacidade

(/politica-de-privacidade)

CAPA (/)

Cidades (/cidades)

Brasil (/brasil)

Economia

(/economia)

Mundo (/mundo)

Política (/politica)

SUPER FC (/superfc)

América

(/superfc/america)

Atlético

(/superfc/atletico)

Cruzeiro

(/superfc/cruzeiro)

Futebol

(/superfc/futebol)

Vôlei (/superfc/vôlei)

Fórmula 1 (/superfc/f1)

Outros

(/superfc/outros)

DIVERSÃO (/diversão)

Magazine

(/diversão/magazine)

TV Tudo

(/diversão/tv tudo)

Celebridades

(/diversão/celebridades)

Roteiros Culturais

(/diversão/roteiros-

culturais)

INTERESSA

(/interessa)

Saúde e Ciência

(/interessa/saúde-e-

ciência)

Tecnologia e Games

(/interessa/tecnologia-

e-games)

Bizarrices

(/interessa/bizarrices)

Pandora

(/interessa/pandora)

Carro&Cia

(/interessa/carro-cia)

Viagens

(/interessa/viagens)

Comportamento

(/interessa/comportamento)

JORNAIS

O Tempo Betim (/o-

tempo-betim)

O Tempo Contagem

(/o-tempo-contagem)

Super Notícia (/super-

noticia)

Pampulha (/pampulha)



(<http://www.ivcbrasil.org.br/cert>)

© 2014 O Tempo.
Todos os direitos
reservados